FOLHA DE S.PAULO
★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

Publicado em 19/02/2022 - 05:59

Mortes passam de 130 em Petrópolis, e políticos se esquivam

Políticos tentam se livrar da culpa enquanto número de mortos cresce

De volta da Rússia, o presidente sobrevoou Petrópolis e se reuniu com governador e prefeito

PETROPOLIS, RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO O número de vítimas da chuva que arrasou Petrópolis, no Rio de Janeiro, não para de subir, chegando a 136 mortos e 218 desaparecidos nesta sexta-feira (18). Enquanto isso, políticos fazem discursos tentando se esquivar de críticas e trocam acusações.

Como é frequente nos desastres que costumam ocorrer todos os anos durante o período de chuvas no Sudeste, autoridades federais, estaduais e municipais ressaltaram o volume de água acima do esperado, responsabilizaram gestões passadas e citaram até Deus em suas falas.

De volta da viagem à Rússia, o presidente Jair Bolsonaro (PL) sobrevoou o município da região serrana nesta sexta e afirmou não ser possível prevenir todas as tragédias. Realçou também que há uma limitação de recursos.

Jair Bolsonaro (ao centro, de preto) participa de reunião em Petrópolis Clauber Cleber Caetano/PR

"Medidas preventivas estão previstas no orçamento. Ele é limitado. Muitas vezes não temos como nos precaver de tudo que possa acontecer nesses 8,5 milhões de quilômetros quadrados [área territorial do país]", disse à imprensa.

"A população logicamente tem razão em criticar, mas aqui é uma região bastante acidentada. Infelizmente, tivemos outras tragédias aqui. A gente pede a Deus para que não ocorram mais. E vamos fazer a nossa parte", acrescentou o presidente.

Ao lado de Bolsonaro, o ministro Rogério Marinho (Desenvolvimento Regional) também culpou as chuvas: "Até agosto, a pauta era a falta de chuvas e a crise hídrica. Nenhum meteorologista previu o que aconteceria no final do ano. Pelo contrário, falavam em falta de água e energia".

Marinho afirmou que será liberado R$ 1 bilhão em recursos emergenciais para Petrópolis e outras 50 cidades do país em situação de emergência ou calamidade pública. Outros R$ 200 milhões haviam sido liberados em dezembro a estados atingidos por chuvas, principalmente a Bahia.

Também nesta sexta, o prefeito Rubens Bomtempo (PSB) jogou a bola para os governos estadual e federal ao ser questionado sobre como atuou para prevenir o desastre em seus quatro mandatos à frente da cidade desde 2001. Disse que fez sua parte, mas que sua responsabilidade é parcial.

"Eu acho que foi feito muito durante os nossos mandatos. Ainda mais que afinal de contas a nossa responsabilidade é parcial. Nós trabalhamos num sistema nacional de Defesa Civil. Onde cada um tem as suas atribuições", afirmou, citando licitações não concluídas pela União e obras não finalizadas pelo estado.

Já o governador fluminense, Cláudio Castro (PL), disse em entrevista coletiva no dia seguinte à tragédia que chover nesta época é natural, mas que um temporal desses era "totalmente imprevisível" e "não tinha por que a vida não estar andando na normalidade".

"Unir uma tragédia histórica com um déficit que realmente existe causou esse estrago todo. Que sirva de lição para que a gente aja diferente. Essa união toda é a prova de que a tendência clara é de que as obras aconteçam", discursou.

Castro e o deputado federal Marcelo Freixo (PSB), que são pré-candidatos ao governo do Rio neste ano, também trocaram farpas nas redes sociais.

"Enquanto a população de Petrópolis precisa de socorro e os bombeiros fazem o que podem com pouco pessoal e poucos equipamentos, Cláudio Castro, por razões políticas, demora um tempo precioso para aceitar as ajudas oferecidas por outros estados", escreveu na quinta (17) Freixo, que foi ao município.

Nesta sexta, foi a vez de Castro subir o tom: "Você é o maior oportunista que eu conheci em toda a minha vida! Você só sabe fazer politicagem em cima do sangue e da tragédia das pessoas! É uma espécie de Zé do Caixão da política! Vem a Petrópolis mentir, criar intrigas e gerar confusão", atacou.

Freixo respondeu ao governador, dizendo que "não é hora de atacar e brigar". "O momento é de união, porque tem muita gente em risco e muito trabalho a ser feito. Aceite ajuda rapidamente de quem oferecer, mantenha a serenidade e vamos ao trabalho", afirmou o deputado.

> A população logicamente tem razão em criticar, mas aqui é uma região bastante acidentada. Infelizmente, tivemos outras tragédias aqui. A gente pede a Deus para que não ocorram mais. E vamos fazer a nossa parte
>
> **Jair Bolsonaro**
> presidente da República

Petrópolis revive agora um desastre que já viveu de maneiras parecidas em ao menos dois verões, em 1988 e em 2011. A cidade tem 234 locais de risco alto ou muito alto, o que equivale a 18% do território e 12 mil moradias, segundo o Plano Municipal de Redução de Riscos de 2018.

O prefeito do município, Rubens Bomtempo (PSB), também responsabilizou as chuvas e o "passivo" da cidade em reunião com o governador e secretários logo após o temporal. "[As dificuldades foram causadas] não só por uma chuva muito forte, mas também pelo acúmulo das chuvas que aconteceram em janeiro, e a cidade dessa vez não suportou. Foi difícil, foi uma tromba d'água. E aí vem o passivo todo, que a gente sabe que tem uma dificuldade muito grande de cuidar desse passivo sozinhos", afirmou.

Grande parte dos imóveis condenados há 11 anos na região não foi demolida e voltou a ser ocupada por quem não conseguiu moradia ou discordou das opções dadas pelo poder público. Os moradores reclamam que as unidades habitacionais construídas desde então não são suficientes.

Castro argumenta que, desde que assumiu, em agosto de 2020, criou um comitê de chuvas, gastou mais de R$ 200 milhões limpando rios e mais de R$ 80 milhões em contenções de encostas. Disse que o estado é grande e "não se resolve 20, 30, 40 anos em um ano".

A **Folha** mostrou, porém, que sua gestão gastou só metade (47%) do previsto em orçamento para o ano passado no programa de prevenção e resposta a desastres, de acordo com dados do Portal Transparência. Foram empenhados R$ 193 milhões de um total de R$ 408 milhões previstos.

"Tem que ser um projeto de médio e longo prazo. Não adianta fazer frases de efeito agora, bravatas, e depois esquecer e esperar o próximo evento catastrófico", diz o professor Antonio Guerra, do departamento de geografia da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). **Ana Luiza Albuquerque, Italo Nogueira, Júlia Barbon, Leonardo Vieceli e Paulo Eduardo Dias**

Famílias desabrigadas são acolhidas na igreja de Santo Antônio, em Petrópolis Eduardo Anizelli/Folhapress

Moradores e voluntários saem em busca de água e alimentos

Alguns locais atingidos pelo temporal de terça ainda estão sem água e luz

Ana Luiza Albuquerque

RIO DE JANEIRO Há três dias as cunhadas Sueli e Adriana sobem e descem a pé o Morro da Oficina, em Petrópolis (RJ), com uma missão: garantir água, alimento e roupas para a família.

A comunidade foi um dos locais mais duramente atingidos pelo temporal que devastou a cidade na última terça-feira (15), com inundações e deslizamentos. O fornecimento de água só voltou no Morro da Oficina no final da tarde de quinta (17), conta Adriana Santos, 41.

A água, porém, está barrenta. Por isso, três dias após o temporal, as cunhadas, que moram no mesmo terreno, ainda dependem de doações de garrafas d'água para beber e cozinhar.

Sem água limpa em casa, também não foi possível lavar as roupas molhadas durante a enchente. A reportagem encontrou Adriana escolhendo roupas para os dois filhos, de 4 e 11 anos, em uma grande cesta de doações.

"Só hoje estão liberando a via [após os deslizamentos], só dava para descer a pé", conta ela sobre a jornada que tem percorrido todos os dias.

Algumas pessoas atingidas pelas chuvas não conseguem sequer chegar aos locais onde estão sendo realizadas as doações.

Umas são idosas, com dificuldades de locomoção. Outras dependem de um carro, ou da circulação de ônibus, para poder buscar os itens. Em muitos lugares, porém, as vias ainda estão interditadas e só é possível percorrer as distâncias a pé.

Diante dessas dificuldades, missionários de uma igreja evangélica se organizaram para levar as doações a cinco famílias que não conseguem buscá-las.

"Estamos juntando para levar tudo o que conseguimos", afirma a voluntária Mariane de Araújo, 30.

"As pessoas estão presas. Umas sem comida, outras no risco de ficar sem", afirma o pastor da igreja, identificado como Leonardo.

Nesta sexta (18), bombeiros e moradores continuaram as buscas pelos 218 desaparecidos já registrados junto às autoridades.

Foram mais de 400 deslizamentos desde o temporal de terça, somando 553 ocorrências no total registradas pela Defesa Civil, incluindo alagamentos e avaliações de risco.

Por conta do risco de desabamento e novos deslizamentos, mais de 800 pessoas tiveram que deixar suas casas e procurar abrigo.

É o caso de Rogerio Senra, 54, abrigado na Igreja de Santo Antônio, no Alto da Serra. Morador da rua Sargento Boening, ele conta que na terça foi andando até a paróquia, com lama até o joelho.

"Muita água descendo, muito barro, muita lama. Fiquei apavorado", diz.

Em casa, deixou todos os documentos e o celular. Rogerio tinha de memória os contatos das filhas, mas sempre que liga cai na caixa postal, ele conta. Por isso, pede para ter sua foto publicada no jornal, na esperança de que elas o encontrem.

"Elas devem estar preocupadas comigo, não devem saber onde eu estou", afirma.

A catadora de latinhas Ana Maria Pereira, 49, também encontrou abrigo na igreja.

Ela diz que a enchente foi uma tragédia anunciada, e relata ter ficado soterrada em outro temporal na cidade, em 1988. "Agora é tudo de novo", lamenta Ana.

Ana morava na rua até o início do mês, quando uma sobrinha a convidou para ficar na sua casa, no Morro da Oficina. Na terça, a catadora de latinhas estava trabalhando no centro quando começaram as chuvas.

Sua sobrinha, que estava em casa na hora do temporal, agora é um dos mais de 200 desaparecidos. "Voltou o vazio de novo por não ter mais casa. A habitação nessa cidade é muito desumana", afirma.

Ana se cadastrou no programa de Aluguel Social, e torce para receber o auxílio da Prefeitura de Petrópolis. "Não queria ter que voltar a morar na rua. Agora não tenho mais família."

Colaborou Eduardo Anizelli

Casa da Princesa Isabel e Palácio Rio Negro sofreram danos

Cristina Camargo

SÃO PAULO A Casa da Princesa Isabel e o Palácio Rio Negro estão entre os prédios históricos de Petrópolis, na região serrana do Rio de Janeiro, afetados pelo forte temporal que atingiu a cidade na tarde de terça-feira (15), deixou mais de 100 pessoas mortas e dezenas de desaparecidos.

Técnicos do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) realizam vistorias para avaliar o impacto das chuvas para o patrimônio cultural.

A Casa da Princesa Isabel, às margens do rio Quitandinha, é o bem histórico que sofreu mais estragos aparentes. Um muro caiu e atingiu uma exposição sobre a colonização germânica na cidade. Levado pela correnteza da inundação, um carro invadiu o jardim da casa.

O piso térreo do Palácio Rio Negro, no Centro Histórico, foi inundado e deslizamentos chegaram a atingir a parte superior do terreno, mas sem provocar danos ao prédio principal. Após o temporal, funcionários passaram a noite no piso superior do Palácio, impedidos de sair por causa da inundação e dos deslizamentos na cidade.

Funcionários do Museu Imperial também ficaram ilhados, mas o local não sofreu danos, segundo o Ibram (Instituto Brasileiro de Museus), que administra o espaço.

Fundada por Dom Pedro 2º, Petrópolis é definida pelo Iphan como "um museu a céu aberto" que atrai turistas do mundo todo.

O Palácio Imperial, onde fica o Museu Imperial, começou a ser construído em 1845 e foi a residência preferida de Dom Pedro 2º. Ali estão objetos que representam o primeiro e o segundo reinados da família imperial no Brasil, como móveis, pinturas, esculturas, prataria, porcelanas, cristais e até mesmo coroas. O palácio é tombado pelo Iphan.

O Palácio Rio Negro, antiga residência de verão de presidentes da República, teve Getúlio Vargas como seu hóspede mais frequente. O local foi sede do governo estadual de 1896 a 1903.

O palacete que pertenceu à princesa Isabel e ao Conde D´Eu foi comprado em 1854 do barão de Pilar, um fazendeiro e negociante. Na varanda da casa teria sido feita a última foto da família imperial no Brasil, antes do exílio.

Entre outros bens históricos e culturais da cidade estão a Casa de Santos Dumont, chalé utilizado para veraneio e cheio de detalhes, como a escada em ziguezague e os móveis embutidos; e o Palácio de Cristal, um pavilhão de exposições construído na França por encomenda do Conde D´Eu. Esses imóveis também não sofreram danos.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Cotidiano **Caderno:** B **Pagina:** 1 e 2

Copyright © Clipclap 2026.